

Telefônica

vivo

PDF
INTERATIVO

Clique nos links
para aprofundar
o conteúdo



Escolas Rurais Conectadas

Coleção: Classes Multisseriadas em Escolas do Campo

Leitura e escrita

Fundação Telefônica



Por Elisabete Monteiro

Coleção: Classes Multisseriadas em Escolas do Campo

Leitura e escrita

1ª Edição

Idealização:

Telefônica | **vivo**
Fundação Telefônica

Realização



São Paulo
Fundação Victor Civita
2015

Idealização:
Fundação Telefônica Vivo

Diretora Pedagógica:
Giovana Cristina Zen

Diretora Presidente:
Gabriella Bighetti

Coordenação Administrativa:
Ludmila Meira

Educação e Aprendizagem:
Milada Tonarelli Gonçalves
Fernanda Viana Gobbo Jaber
Fu Kei Lin
Nayara Magri Romero
Renata Mandelbaum Altman
Weronica Gorska Miranda

Comunicação:
Ananda Azevedo

Comunicação:
Luanda de Lima Sabença
Anna Paula Pereira Nogueira

Publicação:
Fundação Victor Civita

Diretora Executiva:
Angela Cristina Dannemann

Realização:
Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP)

Coordenadora Pedagógica:
Regina Scarpa

Diretora Executiva e Presidente:
Cybele Amado

Marketing:
Caroline Venturelli Rêgo
Juliana Coqueiro Costa

Secretária Executiva e Vice-Presidente:
Claudia Vieira

Projetos:
Mauro Morellato
João Augusto Gomes da Silva

Prefácio

A Fundação Telefônica Vivo é parte do Grupo Telefônica e atua como uma Fundação Digital, fazendo da tecnologia e da inovação importantes aliados na busca por novas respostas para os desafios do mundo contemporâneo.

Acreditamos no poder transformador da educação e apostamos em projetos que estimulem o uso de metodologias inovadoras de ensino e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de crianças e jovens e preparando-os para o mundo conectado. Um exemplo dessa atuação é o **Programa Escolas Rurais Conectadas**, cujo objetivo é impulsionar processos educacionais inovadores nas escolas do campo, disponibilizando, além da infraestrutura tecnológica, formação docente, metodologias e conteúdos diferenciados e implementando laboratórios de experimentação digital em alguns territórios.

Em contextos rurais, as classes multisseriadas são uma realidade enfrentada pelos educadores. Essas classes, com estudantes de diferentes idades e séries, têm sido uma importante solução para atender aos estudantes do campo que, organizados de forma heterogênea, podem trocar experiências e aprender com colegas de outras idades. Para o educador, atuar em uma classe multisseriada é uma oportunidade de exercitar, todos os dias, seu papel de mediador, orientador e organizador de experiências, contribuindo para a aprendizagem de seus estudantes, e de vivenciar uma prática motivadora e alinhada à educação do século XXI.

Nossa Fundação procura potencializar o que escolas do campo já têm, respeitando sua natureza e diversidade e oferecendo instrumentos para incrementar a ação de seus educadores. Assim, visando a apoiar e inspirar práticas de educadores que atuam na realidade do multisseriamento, a **Coleção Classes Multisseriadas em Escolas do Campo** foi idealizada pela Fundação Telefônica Vivo e realizada, coletivamente, com apoio do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP).

Esta coleção traz questões específicas de sala de aula e é composta por seis cadernos: 1. **Entendendo suas origens** apresenta histórico da educação escolar em contextos rurais. 2. **Projetos de pesquisa** sugere diálogo entre organização de conteúdo e pesquisa em sala de aula. 3. **Leitura e escrita** traz experiências de como transformar estudantes em leitores e produtores de texto. 4. **Gestão da sala de aula** estimula a organização de atividades em classes multisseriadas. 5. **Jogos e brincadeiras** propõe trabalhar o jogo como forma de vivência da infância. 6. **Matemática** estimula atitude de interesse e inquietação frente ao conhecimento da disciplina.

Além de conhecer os conteúdos oferecidos por esta coleção, convidamos você a fazer parte de nossa rede virtual de educadores, onde você poderá trocar e conhecer novas experiências. Acesse: www.fundacaotelefonica.org.br/escolasrurais

Desejamos uma inspiradora leitura!

Gabriella Bighetti
Diretora Presidente
Fundação Telefônica Vivo

Monteiro, Elisabete
Leitura e escrita / Elisabete Monteiro. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2015.
(Coleção Classes Multisseriadas em Escolas do Campo; v.3)

ISBN 978-85-88988-34-7
ISBN Coleção 978-85-88988-31-6

Idealização: Fundação Telefônica Vivo
Realização: Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP)

1. Incentivo à leitura 2. Linguagem – escrita 3. Produção de texto – trabalho de incentivo 4. Programa Escolas Rurais Conectadas I. Título II. Fundação Victor Civita III. Série

CDD- 370



Esta obra é licenciada com uma licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Apresentação

Por Elisabete Monteiro

É com muita alegria que apresentamos este caderno que trata de práticas de leitura e escrita em torno de textos literários no contexto da biblioteca de classe. Temos como objetivo socializar experiências, refletir teoricamente sobre essas práticas e discutir sugestões que possibilitem a você, professor, qualificar cada vez mais a sua prática para que seus alunos se transformem em verdadeiros leitores e produtores de texto.

Entendemos que o professor é personagem fundamental, embora não seja a única, para que as crianças e jovens que frequentam as escolas públicas do País sintam o prazer de ler e escrever. Essa era, também, a opinião do educador, psicanalista e escritor Rubem Alves: “O educador é parte de uma tarefa mágica, capaz de encantar crianças e adolescentes, o que é bem diferente de, simplesmente, dar aula. Dar aula é só dar alguma coisa. Ensinar é muito mais fascinante”, em entrevista concedida à revista Nova Escola, em maio de 2002.

E é exatamente isso que pretendemos com este material, elaborado especialmente pensando em vocês, professoras e professores que atuam em escolas públicas multisseriadas do Ensino Fundamental I: queremos ajudá-los a levar às suas classes a magia que reside na leitura e escrita. Esperamos que as informações aqui compartilhadas sirvam como referência para uma reflexão acerca das práticas do cotidiano e como inspiração para novas experiências de ensino.

Sabemos dos imensos desafios enfrentados por você, professor(a) que atua nessas classes, considerando a complexidade diante da diversidade de idades, de saberes, realidades e séries dos alunos. Temos clareza das dificuldades e dos dilemas enfrentados. Dilemas e conflitos que começam a partir das definições sobre o que ou como ensinar, que atividades desenvolver e que recursos utilizar para atender a essa diversidade. Sim, não é tarefa simples! Mas estaremos discutindo aqui proposições possíveis, planejadas e vividas por professores que também atuam em classes desse tipo. Apontaremos, também, as vantagens pedagógicas que o trabalho em classes multisseriadas podem contemplar, a exemplo das ricas vivências dos alunos, as trocas que podem existir em sala de aula e as possibilidades de aprendizagem entre as crianças.

Neste caderno, abordaremos como e por que é tão importante trabalhar com os livros literários que existem na escola. Temos como base teórica para as discussões aqui apresentadas a compreensão discursiva de linguagem e a concepção de leitura fundamentada na teoria de Mikhail Bakhtin (1997), tomada inicialmente em seu conceito fundamental de dialogismo: a compreensão da linguagem como resultado da relação entre interlocutores que, numa situação de interação, produzem sentidos e aprendizagem. Tomamos por base, também, os estudos e pesquisas da equipe de pesquisadoras da Universidade de La Plata, Argentina. Falaremos sobre possibilidades de trabalho com o acervo da classe ou escola e relataremos algumas experiências de professores e professoras que atuam em contextos similares ao seu.

Propostas pedagógicas

Você já parou para pensar por que os textos literários precisam fazer parte do cotidiano da sala de aula? Essa é uma discussão já realizada por muitos educadores e apresentada em muitas publicações. Contudo, muitas vezes não é tão fácil definir como realizar o trabalho com esse tipo de texto em classes multisseriadas, de forma a atender aos interesses e necessidades de aprendizagem dos alunos.

Sabemos que a literatura ajuda-nos a entender a vida, os homens, a realidade, os sentimentos. Contribui para despertar desejos, ajuda a enxergar outros lados da realidade, penetrar em outros mundos, despertar sonhos e torná-los realidade. Ler serve para alargar o próprio mundo e voltar à realidade com outra perspectiva. A literatura possibilita resgatar e fortalecer a cultura local, mas, também, conhecer outras culturas, outros valores, outras experiências, outras formas de expressão...



Para refletir

A literatura nos permite valorizar nossa própria identidade, em toda a sua diversidade e riqueza.

Quando o texto literário é lido e apreciado em sala de aula, abre-se ainda a possibilidade de que a escrita deixe de ser transparente, ou seja, que se repare também na linguagem e não apenas no conteúdo. A partir da leitura desse tipo de texto, os alunos poderão conhecer autores variados e reconhecer e apreciar os seus es-

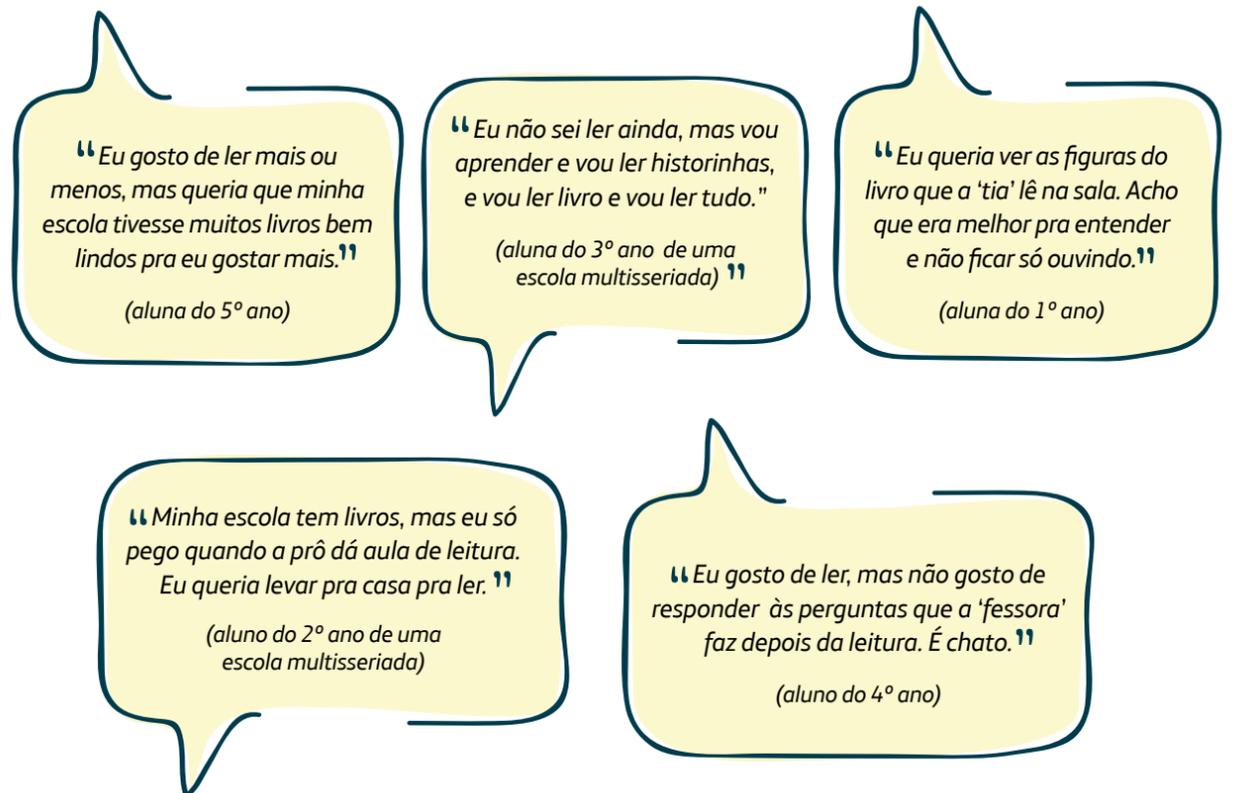


Marcelo Issa

O trabalho com textos literários em classe multisseriada: oportunidade para troca de vivências.

tilos. Poderão observar como escrevem, as belas palavras que usam, a maneira, como, por exemplo, narram ou descrevem os ambientes e personagens, ou as expressões que usam para provocar suspense ou medo no leitor. Assim, este caderno discutirá o trabalho com a leitura e escrita em torno dos textos literários que compõem a biblioteca de sala de aula e da escola.

Apresentamos algumas falas que provavelmente são muito familiares a vocês: são as vozes de crianças e jovens de várias partes do Brasil, moradores e estudantes de escolas multisseriadas do campo, que salientam o que pensam, seus desejos e o que puderam ou podem aprender a partir da relação com os livros.



“Eu gosto de ler mais ou menos, mas queria que minha escola tivesse muitos livros bem lindos pra eu gostar mais.”
(aluna do 5º ano)

“Eu não sei ler ainda, mas vou aprender e vou ler historinhas, e vou ler livro e vou ler tudo.”
(aluna do 3º ano de uma escola multisseriada)

“Eu queria ver as figuras do livro que a ‘tia’ lê na sala. Acho que era melhor pra entender e não ficar só ouvindo.”
(aluna do 1º ano)

“Minha escola tem livros, mas eu só pego quando a prô dá aula de leitura. Eu queria levar pra casa pra ler.”
(aluno do 2º ano de uma escola multisseriada)

“Eu gosto de ler, mas não gosto de responder às perguntas que a ‘fessora’ faz depois da leitura. É chato.”
(aluno do 4º ano)

Esses depoimentos foram ouvidos em muitas partes do Brasil. São crianças que nasceram, vivem e estudam em escolas públicas multisseriadas de espaços não urbanos. Ao analisarmos o que dizem, percebemos que em cada um deles existe o desejo de ler e de se deleitar com o lido.



Para refletir

Até que ponto a escola provoca, intencionalmente, o prazer de ler? Como esse desejo pode ser estimulado?

Contudo, muitas vezes a literatura é usada na escola como um pretexto para ensinar alguns conteúdos do currículo, de tal forma que a “beleza” desse tipo de texto fica obscurecida e pouco visível para os alunos. Abre-se, então, um abismo entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela. Vamos analisar, por exemplo, o que diz um dos alunos: *“Eu gosto de ler, mas não gosto de responder às perguntas que a ‘fessora’ faz depois da leitura. É chato”*. Muitas vezes, a escola utiliza o texto como prerrogativa para fazer perguntas lineares de interpretação, que não fazem sentido para o aluno. Perguntas que a escola tradicional sempre fez e que historicamente não contribuíram para a formação do leitor.

Defendemos aqui a formação do “leitor literário”, ou seja, não só a formação do leitor de “obras literárias”. Essa é uma diferenciação sutil e que queremos enfatizar ao longo deste caderno. Desejamos a formação do leitor que desenvolve os comportamentos leitores específicos dessa modalidade de leitura: escolhe o que quer ler, seleciona os autores de que mais gosta, pesquisa autores, comenta com os colegas o que leu, aprecia partes do texto ou expressões que chamaram a atenção pela beleza, pela estranheza ou pela forma com que estão escritas, critica, recomenda o que gostou, compartilha ideias de autores, aprecia ilustrações, mergulha nas narrativas, visualiza os ambientes e as características dos personagens, compara versões diferentes de uma mesma história, enfim, vai se formando um verdadeiro “leitor literário”!

Vejamos agora algumas falas de pessoas escolarizadas e escritores famosos:

“Eu achava minha religião: nada me pareceu mais importante do que um livro.”

(Jean-Paul Sartre, em “As palavras”)

“Eu não lia muito. Só aprendi a gostar de ler quando me apresentaram uma autora que me encantou: Marta Medeiros.”

(professora de uma escola multisseriada da área rural do município de Ipojuca - PE)

“Foi a minha professora primária que fez com que eu gostasse de ler. Ela sabia seduzir seus alunos.”

(aluna de Letras da UNEB – BA)

“Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio de livros. No gabinete de meu avô, havia-os por toda parte; era proibido espaná-los, exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ... eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia delas.”

(Jean-Paul Sartre, em “As palavras”)

As duas primeiras citações falam como Sartre formou-se leitor no contato com os livros e com pessoas da sua família que gostavam de ler. Em sua obra *“As palavras”* (Les mots), o filósofo conta que teve o privilégio de nascer em casa de leitores, com um avô escritor, o que lhe despertou precocemente o desejo de ler e a certeza de que a leitura é muito importante para o seu crescimento pessoal.

Por fim, temos a fala de uma professora pernambucana que salienta que só passou a gostar de ler quando teve contato com uma escritora da atualidade, Marta Medeiros, e de quanto se encantou com os seus livros. Em seguida, observamos a referência de uma aluna universitária que afirma que a sua professora do Ensino Fundamental I (antigo curso primário) despertou o seu desejo de ler, “seduzindo-a para a leitura”.



Para ir além

Conheça o livro *“As palavras”* (Les mots) do filósofo Jean-Paul Sartre. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 6ª. edição, p. 30-36.

Essas falas nos remetem à importância da leitura para a formação do ser humano e, ao mesmo tempo, sobre o papel da escola e da família na formação do leitor. Nós, que atuamos em escolas localizadas em ambientes menos privilegiados socioeconomicamente, temos uma responsabilidade ainda maior. Como as crianças e jovens com os quais trabalhamos não têm um contato mais intenso com os livros e a cultura letrada, nosso papel é fundamental para o fomento à leitura. Sem um trabalho permanente, intencionalmente planejado, com certeza não conseguiremos formar bons leitores.



Beleza compartilhada: a apreciação da obra literária ultrapassa o conteúdo curricular.

Marcelo Issa

Com o apoio da escola, crianças e jovens podem aprender diversos conteúdos vinculados à tarefa de leitura. Dentre eles:

- selecionar materiais de leitura e explicitar alguns critérios de seleção;
- ler por si mesmos, de acordo com diferentes propósitos;
- ouvir a leitura em voz alta realizada pelo professor, outro adulto, ou colega leitor;
- comentar o que leu ou ouviu em relação a vários aspectos que ultrapassam a questão do conteúdo: beleza do texto, linguagem, palavras e expressões usadas pelo autor, estilo, etc.;
- recomendar um texto a outras pessoas, como colegas, professores, familiares e a outros adultos;
- reler para comparar interpretações sobre um mesmo texto;
- fazer relação com outros textos e autores a partir do texto lido.

Quando os alunos estão imersos em práticas sociais leitoras, podem aprender não só comportamentos leitores, mas, também, conteúdos relacionados aos comportamentos escritores, a exemplo de:

- escrever opiniões sobre os textos para expor diante de outros;
- resolver dúvidas, apelando a distintas fontes;
- escrever em função do propósito – para que escrever – e dos destinatários – quem vai ler o que se escreveu;
- revisar e discutir a clareza e pertinência do que está escrito, antes de encaminhar para o destinatário;
- reescrever partes do texto para comunicar melhor.

A partir de variadas situações de leitura e produção de texto, os estudantes também aprendem muito sobre os gêneros textuais sem que, necessariamente, o professor “dê aula” sobre o assunto. Assim, por exemplo, podem se familiarizar com diferentes tipos de suportes de texto, ou seja, livros, jornais, enciclopédias, revistas, almanaques, murais, painéis, e-books (ou livros eletrônicos) e os seus usos nos contextos sociais, características dos variados gêneros textuais e funções sociais dos diversos gêneros discursivos.

Os estudantes podem aprender, também, sobre o sistema de escrita. À medida que se colocam no lugar de leitores e escritores – interagindo “de verdade” com os textos –, aprendem sobre os aspectos quantitativos e qualitativos do sistema e, assim,



Marcelo Issa

Alfabetização não é apenas ensinar a ler e escrever, mas formar leitores e escritores.

alfabetizam-se tanto no aspecto restrito dessa palavra quanto no seu sentido mais amplo, ou seja, formando-se como verdadeiros leitores e escritores.

Nessa concepção de ensino, defende-se a transformação de cada sala de aula em uma comunidade que compartilha diferentes práticas de leitura e escrita, de modo que elas se tornem atividades valorizadas e necessárias para a resolução de vários problemas na escola e fora dela. Garante-se, assim, o acesso dos alunos a diferentes gêneros e à participação em situações diversificadas de leitura e escrita, com os diferentes propósitos sociais que caracterizam essas práticas.

É preciso, portanto, que a escola (multisseriada ou não) realize, sistematicamente, rodas de apreciação de literatura nas quais as crianças sejam convidadas a compartilhar suas impressões e interpretações sobre um texto lido ou ouvido e leiam com diferentes propósitos: para apreciar, para recomendar ou não, para se divertir, para conhecer um autor, etc.

Práticas de leitura e escrita em torno dos livros literários na biblioteca de sala ou da escola

Vamos pensar, juntos, em como trabalhar o espaço da biblioteca da escola ou da sala de aula de forma mais dinâmica e produtiva. Mas, primeiro, cabe a pergunta: “E se a escola não tem biblioteca?”. Essa é uma questão bem pertinente. Sabemos que muitas escolas do nosso país, infelizmente, ainda se encontram nessa situação. E aí, como fazer?

Acompanhe as experiências a seguir. Elas foram desenvolvidas em escolas rurais de localidades muito pobres – com certeza muito parecidas com outros milhares de escolas brasileiras. Sabemos que a grande maioria dessas escolas já organizam “Cantinhos de Leitura” com o acervo que recebem do Ministério de Educação ou de variadas instituições e projetos que fomentam a leitura em nosso país. Sim, é desse acervo que estamos falando: dos livros que existem na escola e na comunidade. A proposta é usar o que temos e seguir na “luta” pela ampliação e qualificação dos acervos das escolas.

Aqui, defendemos a ideia de “biblioteca de sala”. Preferimos esse nome para nos aproximar da realidade social, ou seja, do local em que a leitura tem papel preponderante: a biblioteca! A terminologia pressupõe, também, a organização de ações sistemáticas para inserir os alunos na aprendizagem das práticas reais de leitura.



Para ir além

Acesse o site do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Esse programa federal desenvolvido desde 1997 tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Acesse: <http://migre.me/o7wU1>

Nessa proposta, a classe é organizada em tarefas individuais, coletivas e em pequenos grupos, a depender da atividade a ser realizada pelas crianças. Em algumas situações, o professor ou professora propõe agrupamentos de crianças por saberes próximos. Em outras, os grupos são organizados por saberes diferentes, ou seja, alunos maiores e menores com maior ou menor conhecimento sobre o conteúdo. A forma de organização da classe depende do propósito didático e da necessidade de propiciar maior interação entre alunos ou entre aluno e professor, em diferentes momentos da aprendizagem.



Para refletir

A organização dos grupos, duplas ou trios não é definida pela série ou ano dos alunos e, sim, de acordo com seus saberes, a atividade e o que se pretende ensinar.

Então, mãos à obra! Dividiremos o nosso trabalho em duas partes. Na primeira, propomos a **revitalização da biblioteca de sala** ou da escola a partir de propostas variadas de leitura, que podem se iniciar com o conhecimento e catalogação dos livros pelas crianças. Tal atividade fortalece o sentido de pertencimento do grupo em relação ao acervo e também estimula a responsabilidade compartilhada na utilização, cuidado dos livros e tomada de decisões com respeito à inclusão de novos materiais e ao destino que se pretende dar a cada um.

Na segunda parte, apresentaremos uma importante situação didática que deve ser assegurada de forma sistemática em sala de aula: a **leitura de literários e intercâmbio entre leitores**.

A revitalização da biblioteca de sala

Etapa 1: Conhecer e organizar a biblioteca

Essa etapa do trabalho é bastante importante para o envolvimento de todos os alunos. A proposta é conversar com a turma sobre os livros existentes na escola, apresentar a todos o acervo, definir critérios para sua organização (se por autor, gênero, tema, etc.) e elaborar cartazes com a catalogação dos livros, dentre outras tarefas. Essas atividades são planejadas antecipadamente e acontecerão em várias aulas.

Após a discussão com a turma sobre a proposta de conhecer todo o acervo e organizar a biblioteca de sala, sugerimos planejar com eles o que será feito e registrar em cartaz a sequência do trabalho. Depois, esse registro será lido sistematicamente e poderá incluir novas ações e observações sobre o que já foi ou não realizado.

O cartaz será um organizador do trabalho, uma vez que assinala os combinados e atividades a serem realizadas. Mais do que uma ferramenta de monitoramento das ações, ele é, por si só, um significativo conteúdo didático, apresentando o processo de escrita. Os alunos decidem por onde começar a sequência do trabalho, ditam para a professora anotar no quadro e, depois, podem observá-la a passar o registro a

limpo no cartaz. Assim, toda a turma pode acompanhar o processo de escrita, aprendendo a usar a língua escrita para conservar na memória e organizar as etapas do trabalho a ser realizado no decorrer das aulas.

Depois da apresentação do acervo e discussão sobre sua organização, é hora de planejar algumas atividades envolvendo situações de leitura e escrita, com o propósito de realizar a exploração e catalogação dos livros. É importante que se defina qual o critério para a catalogação. No caso da experiência relatada, as professoras definiram a organização dos livros em literários e não literários.

Etapa 2: Explorar e catalogar o acervo

Sugerimos reunir a turma e apresentar a proposta de organização dos livros, separando os que são literários dos que não são literários. Informe que a tarefa de catalogar os livros da escola ou sala de aula é importante para facilitar o empréstimo pelos alunos, funcionários ou pais e, também, fazer um controle do acervo. Nesse momento, você não precisa explicar teoricamente o que é literário e não literário: basta dizer que a proposta é separar os livros que contam histórias dos que apresentam informações reais.

No decorrer da atividade – que será detalhada em seguida – você pode fazer intervenções para que as crianças leiam e separem os livros e, ao mesmo tempo, pensem a respeito desses dois critérios de organização dos livros.

Antes de mais nada, prepare pequenas tarjetas para que as crianças identifiquem cada um dos livros: por exemplo, amarela para literatura e azuis para informativos e enciclopédicos.

Para essa atividade, os alunos serão organizados em duplas ou trios, mesclando-se alunos maiores e menores.



Para ir além

A nomenclatura “alunos maiores” e “alunos menores” não indica ano de escolaridade nem idade dos alunos. A organização do grupo será definida pelo professor, considerando os saberes dos alunos, o que deseja que aprendam, o tipo de atividade e as possibilidades de troca entre eles.

Alunos maiores	Alunos menores
<p>Recebem uma quantidade maior de livros e com maior variedade de gêneros (a quantidade não pode ser muito grande para que os alunos possam realizar bem a tarefa).</p> <p>Para esses alunos, a proposta é ler os títulos, autores e índices, para decidir se o livro é literário ou não literário. Após a classificação, eles deverão selecionar pequenos trechos do livro para justificar a classificação.</p>	<p>Recebem uma quantidade menor de livros com apenas um gênero literário (por exemplo, contos) e um enciclopédico.</p> <p>Para esses alunos, a proposta é buscar elementos para justificar a classificação, como títulos de histórias conhecidas, tipo de ilustrações ou fotos reais e tipos de personagens. Por exemplo, em um texto enciclopédico não pode haver um animal que fala.</p>

No decorrer da atividade, circule nas duplas ou trios para instigar os alunos a justificar os aspectos que consideraram para classificar os livros em literários ou não literários. Faça, por exemplo, perguntas que os ajude a terem certeza das escolhas. As perguntas podem ser do tipo: Como são as ilustrações em um conto? Em um texto enciclopédico é possível ter um personagem assim, que fala? Por quê?

Após a classificação dos livros pelas duplas ou trios, toda a turma volta ao espaço coletivo (arumação em semicírculo) para cada grupo apresentar os livros que classificou e os critérios que usou para a classificação.

Com esse tipo de situação, as crianças têm a oportunidade de explorar intensamente os livros e de buscar, encontrar e confrontar critérios para ordenar o acervo.



Marcelo Issa

Em duplas ou trios, os alunos exploram e catalogam o acervo da biblioteca.

Etapa 3: Conhecer o acervo

Nessa etapa, a professora discute com os alunos o que fazer para que todos tenham conhecimento dos livros que compõem o acervo da sala e como fazer para que os livros não se percam.

Para começar, reúna a turma e discuta como fazer para registrar os livros do acervo.

Ouçá as propostas e liste no quadro as informações que não podem faltar, como, por exemplo, o nome do livro, nome do autor, ilustrador, editora. Para essa atividade, os alunos serão organizados em duplas ou trios, por níveis de conhecimentos próximos:



Para ir além

O que estamos chamando de níveis de conhecimentos próximos para essa atividade diz respeito a conhecimento sobre o sistema de escrita. Assim, dentre os alunos menores, o ideal é reunir crianças com hipótese de escrita pré-silábica com aquelas que estão na hipótese silábica. Dentre os maiores, junte alunos com hipótese silábico-alfabética com os alfabéticos. Essa organização deverá ser pensada antes da realização da atividade, para que você antecipe que livros serão indicados para cada dupla ler e registrar nos cartazes.

Alunos maiores

Recebem uma quantidade maior de livros literários.

Para esses alunos, a proposta é: um lê as editoras, os títulos, autores e até ilustradores (se houver), enquanto o outro preenche o cartaz. Um aluno dita e o outro escreve. Posteriormente, os dois juntos revisam a escrita.

Após o registro dos literários, recolha os livros enciclopédicos para fazer o registro em um cartaz separado.

Alunos menores

Recebem uma quantidade menor de livros literários (3 ou 4 para cada dupla).

Para esses alunos, a proposta é localizar o título dos livros e autores. A professora deve dar um apoio maior a essas duplas na atividade de leitura.

É importante que, considerando que os alunos ainda não leem convencionalmente, a proposta seja identificar onde está escrito, em vez de o que está escrito. Você pode dizer, por exemplo: *“Eu vou ler partes do que está escrito nas capas. Está escrito ‘A Casa Sonolenta’ e em outra está escrito ‘A Bela Adormecida’. Onde está escrito Sonolenta? Ou seja, os alunos sabem o que está escrito, mas precisam localizar onde está escrito. Para ler, mesmo que não convencionalmente, eles podem considerar as pistas escritas, como, por exemplo, as letras conhecidas ou partes do próprio nome.*

Para os alunos maiores, que já leem convencionalmente ou próximo disso, os desafios consistem em diferenciar, por exemplo, o nome do livro e o nome da coleção, encontrar o nome da editora, o nome do autor ou autores e do ilustrador, quando houver, assim como identificar as palavras escritas com letras maiúsculas, refletindo por que estão escritas dessa forma.

Para os alunos que não leem convencionalmente, o desafio é identificar o título, percebendo que, em geral, eles são escritos com letras diferenciadas ou maiores para chamar a atenção dos leitores. O problema para esses alunos é encontrar a informação específica que querem localizar – título do livro – e copiá-la em um lugar correspondente no cartaz.

Para localizar os títulos dos livros, as crianças que não leem convencionalmente podem se apoiar também em outros aspectos, como os índices quantitativos das palavras que estão procurando. Podem, ainda, se basear em índices qualitativos, como, por exemplo, a letra inicial de um título ou uma sílaba que começa igual à do seu nome.

Para a realização dessa tarefa, o apoio do professor ou de um colega maior é fundamental. A escolha dos livros para cada dupla, com títulos previamente selecionados pelo professor, também é muito importante. Observe um registro feito por uma professora quando acompanhava uma dupla na realização dessa tarefa:

Livros apresentados para a tarefa de catalogação:



PROFESSORA: Vou ler para vocês os títulos destes quatro livros (lê alto, fora da ordem e sem apontar).

CRIANÇA 1: Eu conheço esse (apontando para "A Bela Adormecida").

PROFESSORA: E qual deles é "A Casa Sonolenta" ?

CRIANÇA 2: Não é esse (apontando para "Pinóquio").

PROFESSORA: Por que não é este?

CRIANÇA 2: Porque esse só tem um nome (apontando) e a senhora pediu "A Casa Sonolenta" e tem que ter mais nomes.

CRIANÇA 1: Tem que ser esse ou esse (apontando para "A Casa Sonolenta" e "A Casa da Vovó")

PROFESSORA: Por que pode ser um destes dois?

CRIANÇA 1: Porque tem dois nomes iguais e só pode ser casa, casa (apontando as duas palavras casa e casa).

Como podemos perceber a partir desse pequeno registro, as crianças que não leem convencionalmente podem ler a partir de índices quantitativos e qualitativos. É isso que lhes permite pensar a respeito das regras do sistema alfabético de escrita e aprender a ler e escrever. São atividades sistemáticas como essa, com as intervenções (boas perguntas formuladas pela professora), que contribuem para que as crianças se alfabetizem a partir de situações reais de uso da leitura e da escrita.

É importante salientar que essa etapa pode ser realizada em várias aulas, considerando que não é possível a catalogação de todos os livros em uma só aula. Além disso, são muitos os conteúdos e conhecimentos que circulam nessa etapa, como, por exemplo, diferença entre autor, ilustrador, editora, o que é uma coleção, enciclopédia e revistas científicas (como, por exemplo, a "Ciência Hoje para as Crianças").

Etapa 4: Construir normas para uso da biblioteca

Nessa etapa, as crianças trabalham na construção coletiva de normas de funcionamento da biblioteca de sala. É um espaço privilegiado para discutir com as crianças as normas de uso da biblioteca, os procedimentos para empréstimo, os cuidados com os livros, etc.



Na roda de conversa, a turma define as normas da biblioteca.

Para começar, reúna toda a turma numa roda de conversa para discutir o que os alunos sabem a respeito do funcionamento de uma biblioteca. Abra espaço para ouvir se conhecem ou se já foram a alguma biblioteca ou ainda se imaginam como funciona, como os livros são arrumados, como são registrados os empréstimos, etc. Pergunte se eles têm alguma dúvida ou curiosidade. E registre os pontos principais salientados pelo grupo. Aproveite, também, para compartilhar fotos e documentos usados em bibliotecas – fichas de empréstimo, catálogo de livros, etc.

Depois desse primeiro momento com toda a turma, divida a classe em grupos de trabalho e proponha as seguintes tarefas:

Alunos maiores	Alunos menores
<p>Escrever em tarjetas de cartolina frases que sirvam como lembretes para uso dos livros, a exemplo de: "Cuide bem dos livros", "Não se esqueça de devolver os livros no dia certo", "Ajude seu colega a ler", e assim por diante.</p> <p>Revisão das escritas a partir da situação comunicativa, com apoio da professora e com ênfase na clareza das informações. O momento de revisão dos textos poderá ser planejado considerando duplas de alunos com níveis próximos.</p> <p>Diálogo acerca de procedimentos que precisam ser garantidos para que a biblioteca de sala funcione bem.</p>	<p>Escrever pequenos textos para colar na contracapa dos livros, com informações importantes sobre o cuidado e manutenção, especialmente nas situações de empréstimo fora da escola.</p> <p>Revisão das escritas com apoio da professora, considerando o propósito comunicativo.</p> <p>Leitura, para a dupla dos menores, dos textos produzidos para ouvir as opiniões dos colegas.</p>

Etapa 5: Arrumar o espaço

Organização dos livros no espaço: este é um momento interessante para a arrumação, no qual os alunos maiores, em colaboração com os menores, arrumam os livros considerando os critérios adotados anteriormente de distinção entre livros literários e material informativo. Também nessa etapa as crianças têm a oportunidade de explorar novamente o material, folhear, olhar os desenhos, deter-se em títulos, observar nomes de autores, tentar ler com a ajuda do colega ou ler para o colega menor, etc.

Etapa 6: Realizar o empréstimo dos livros, para ler na classe e em casa

Desde o início da revitalização da biblioteca de sala, paralelamente à catalogação e organização dos livros propõe-se um processo permanente de leitura em sala de aula e fora dela. Você pode escrever uma lista de títulos a serem lidos e a sua distribuição (diária, semanal ou mensal), para expor em um cartaz. Antes de ler o livro, indique o título oralmente e solicite que determinado aluno – individualmente, em dupla ou trio – procure na agenda para assinalar como lido.

Nas situações de empréstimo para leitura em casa, os papéis podem variar a cada momento: os alunos que já leem e escrevem convencionalmente podem fazer o registro do empréstimo. Em alguns momentos, o próprio aluno faz o registro, com o apoio e intervenção do professor; em outro, o registro pode ser feito em parceria entre colegas. Tudo depende dos objetivos a serem alcançados e do que se quer ensinar.

Os registros de empréstimo – que podem ser definidos como uma atividade permanente a ser realizada durante todo o ano letivo – constituem-se em uma prática preciosa para as crianças aprenderem a escrever seus nomes, o nome dos seus colegas e pensar sobre as regras do sistema de escrita, ou seja, como as palavras (seus nomes e outras) são escritas.

Você pode organizar o registro dos livros de diversas maneiras. Por exemplo, pode escrever uma lista de títulos em letra de imprensa maiúscula e visível para todo o grupo. Nessa lista, deixe um espaço necessário para que as crianças possam registrar seu nome e a devolução.



Marcelo Issa

A arrumação do espaço também é uma oportunidade de aprendizado.

Você também pode fazer fichas individuais para cada material de leitura ou fichas com os nomes dos alunos, nas quais eles copiam o título escolhido. E os alunos maiores podem ficar responsáveis pelo controle dos empréstimos.

A experiência de Tapiramutá: criando leitores no campo

Vejamos, agora, um projeto institucional de leitura elaborado por um grupo de professores de classes multisseriadas do município de Tapiramutá, situado numa região rural do estado da Bahia. O projeto foi desenvolvido coletivamente por professores que atendem crianças de Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental¹ e aplicado em todas as escolas do município.

Cada escola ajustou as etapas do projeto à sua realidade específica, mas todas realizaram a maioria das atividades propostas. Como as etapas não são estanques, algumas aconteceram em datas ou períodos previamente definidos e outras durante o ano todo, como atividades permanentes.

Veja como foi estruturado esse projeto:

Justificativa do projeto

Esse projeto principia da necessidade de gerar interesse pela leitura e do compromisso da escola em ensinar comportamentos leitores e escritores, tanto na escola quanto em casa. Além disso, o projeto parte da necessidade de fomentar a leitura não somente de alunos, mas, também, de professores, monitores, diretores, vice-diretores, secretários da escola, pais, coordenadores, funcionários e comunidade.

Acreditamos que “aprender juntos é melhor que aprender sozinho” (KAYSER, 2008:3).

O ambiente escolar é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois nela as crianças têm o maior contato sistematizado com o mundo letrado. Em outras palavras, a escola é o meio de garantir aos indivíduos os acessos aos saberes necessários para a vida cidadã. O acesso à leitura é considerado como algo essencial, uma vez que torna possível ao indivíduo a obtenção de benefícios indiscutíveis: aquisição de conhecimento e de aprimoramento cultural, lazer e prazer estético, e ampliação das condições de interação e de convívio social.



1. Educadores das escolas do campo do município de Tapiramutá, Bahia: Direção: Maria Conceição Lima, Nadia Queiroz. Coordenadora pedagógica: Tarciana Sacramento e Vanessa Souza.

Nomes das escolas rurais envolvidas no projeto: Nossa Senhora da Conceição, Anísio Teixeira, Elenivo Oliveira, 22 de Abril, Joana Angélica, Simplício Desidério Gomes, Simplício Colombo Gomes, Dom João VI, Bom Jesus da Lapa, Santos Dumont. Educadores das unidades escolares: Jolton Pereira, Ione Francisca, Luciana Barros, Maria Conceição, Gardilene Barbosa, Viviane Amália, Lília Belém, Elitania Dias, Lucimeire Mendes, Doralice Pereira, João de Jesus, Paulo Cezar, Elisiene Sena, Patrícia Pereira, Reginaldo Gonçalves, Marly Carvalho, Marivam Nascimento, Fátima Dourado, Edineide Rita e Fabiana Gomes.

Objetivo geral do projeto

Compreender a leitura como acesso aos mundos criados por ela, encantar-se e se informar, percebendo o texto escrito como relevante para a sua formação.

Instigar pais, professores, alunos, funcionários e comunidade para o prazer de ler, com o contato direto com o livro em casa, na escola ou em qualquer outro ambiente.

O que queremos com esse projeto:

No contexto escolar:

- Leitura permanente na sala de aula, para cultivar o hábito;
- realização de atividades que priorizem o desenvolvimento de comportamentos leitores entre os envolvidos;
- participação dos alunos nas rodas da leitura;
- envolvimento de pais em algumas situações de leitura na sala de aula e na escola;
- visitas orientadas à biblioteca de classe e do município;
- leitura realizada por funcionários e por pessoas da comunidade para as crianças.

No contexto familiar:

- Leitura entre pais e filhos;
- empréstimos de livros pelos alunos e familiares;
- criação de uma rotina de leitura em casa.

No contexto comunitário local:

- Disponibilização de pessoas dispostas a incentivar e participar das ações de leitura na escola, na família e comunidade;
- participação dos pais e comunidade nos momentos de leitura na escola e fora dela;
- empréstimos de livros, nas bibliotecas da cidade e das escolas, por pessoas da comunidade.

Aprendizagens esperadas:

- Interessar-se em ler e ouvir bons textos em situações de leitura pelo professor, pelos colegas ou por pessoas da comunidade;
- preparar a leitura para um público formado por pais, colegas, professor e comunidade;
- fazer a antecipação do conteúdo do livro que será lido por meio da capa, contracapa, título, subtítulo, autor, ilustrador e ilustrações.
- manifestar sentimentos, experiências, ideias e opiniões, definindo suas preferências e construção de critérios a respeito do que ler;
- estabelecer relações com outras obras já lidas do mesmo autor;
- indicar leitura, relendo trecho de seu agrado e explicando suas preferências;

- participar de leituras em saraus, fazendo comentários sobre autor e obra;
- ler, produzir e revisar recomendações para murais e jornais da escola;
- tomar emprestado livros em bibliotecas externas para recomendar para funcionários, pais e colegas.

Etapas do projeto

Essas etapas não são estanques e podem acontecer, de forma simultânea, durante o projeto, ou seja, podem coexistir situações de leitura na escola com o professor, situações de leitura na escola, compartilhada com a família e outras pessoas da escola e situações de leitura em casa.

1ª Etapa: Apresentação do projeto para toda a comunidade escolar. Na apresentação, as crianças podem ler trechos de livros e histórias contadas pela comunidade e entorno.

2ª Etapa: Leitura, pelo professor, de um determinado tipo de narrativa, duas vezes na semana, conforme a rotina. Cada professor pode definir critérios de organização das leituras semanais, quinzenais ou mensais, como a leitura por gênero textual (poemas, contos, fábulas, lendas, cordel, etc.) ou por autor (de renome internacional, nacional ou local). O importante é que a turma toda participe da definição desses critérios.

3ª Etapa: Empréstimo de livros. Estabelecer, dentro da rotina semanal, dias para que os alunos levem um livro para casa. A “sacolinha de leitura” ou “sacola literária” será enviada junto com uma ficha de diário de leitura com as famílias. Os alunos serão motivados a ler para seus familiares e preencher, junto com eles, uma fichinha sobre a leitura do livro. Essa proposta pode ser feita com irmãos mais velhos ou mais novos, com primos, avós, amigos ou outras pessoas do convívio diário.

4ª Etapa: Roda literária. Em um dia da semana, a criação de um espaço de leitura livre para os funcionários, diretores, coordenadores, pais, membros da comunidade, professores e alunos. Nesse espaço, o professor planejará, com antecedência e juntamente com um pai, diretor, funcionário ou coordenador, um momento no qual ele possa compartilhar uma leitura para o grupo, considerando as características e diversidade da turma. Pode abrir espaço, também, para os alunos fazerem leitura de livros, ler, olhar e pesquisar, socializando suas observações ou descobertas.

5ª Etapa: Café literário. Organizar um momento em que todos da comunidade escolar estarão juntos para tomar um “cafezinho de leitura”, no qual os alunos apresentarão painéis sobre os autores lidos, poesia, cenários e oficinas de criação literária. Também pode ser realizada uma roda de histórias com professor, alunos, pais e outros colaboradores da comunidade rural e entorno. Essa é uma atividade que pode acontecer duas a quatro vezes no ano, ou com outra periodicidade definida pelos educadores, considerando a realidade da escola.

6ª Etapa: Convidar integrantes da comunidade que sejam bons leitores para ler contos, lendas, fábulas ou outro tipo de texto para os alunos. Previamente, a equipe da escola pode combinar e definir com o convidado, voluntário, o que ler e a periodicidade dessa atividade.

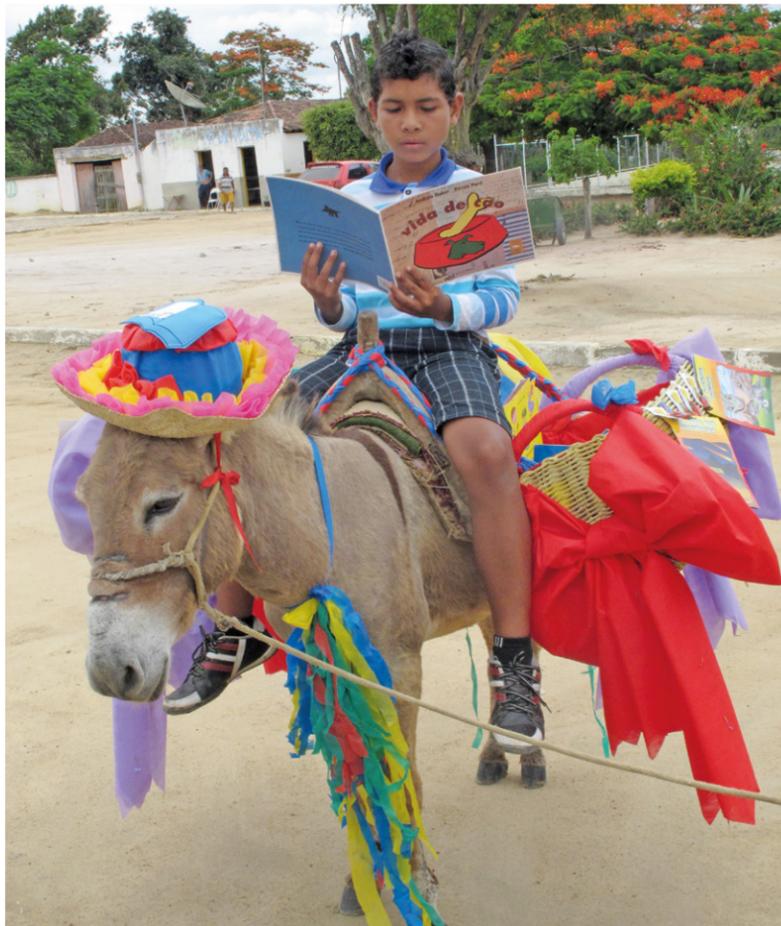
7ª Etapa: Passeios na comunidade com o “jegue literário”. Toda a comunidade, incluindo pais de alunos, pode participar enfeitando o jegue e seus caçuás (cestos), dentro dos quais serão levados

livros de diversos gêneros para serem lidos pelos alunos para (ou com) toda a comunidade rural. É importante pensar em gêneros que agradem crianças e adultos. Essa é uma ação que mobiliza toda a comunidade escolar e comunidade local.

Avaliação

É importante avaliar e comparar os resultados alcançados, considerando principalmente:

- o acompanhamento dos avanços das crianças com relação aos objetivos do projeto. O planejamento de intervenções individualizadas ou replanejamento de ações dentro do projeto;
- o aumento de pessoas realizando empréstimos de livros nas bibliotecas das escolas e da comunidade.



Marcelo Issa

No cesto de vime, carregado pelo "jegue literário", um mundo de novidades.

As sacolas viajantes de Ibitiara

Apresentamos, agora, outras iniciativas muito criativas realizadas por escolas multisseriadas de localidades do município de Ibitiara², no interior baiano, para inserir a leitura nos espaços fora da escola: as "Sacolas Viajantes", que semanalmente são levadas para casa pelos alunos para leitura junto aos pais.

Sacolas, bocapius, baús, carroças, barcos, jegues, canoas, carrinhos de mão... para levar a leitura às comunidades, promovendo integração de gerações, idades, culturas e aprendizados, todo tipo de transporte é válido!

Com essas ações, as crianças chegam nas praças, nos jardins, postos de saúde, armazéns, vendinhas, nas margens de rios e embaixo de árvores, em "tendas literárias", enfim, em todos os lugares possíveis.



2. Escolas multisseriadas pertencentes ao Núcleo Lagoa do Dionísio: Escola José Pereira de Araújo – Professoras Luciná Noronha, Elimar Silva, Maria Hélia Araújo Sierleide Brito; Escola Sebastiana Brandão Pereira – Profs - Valquíria Ferreira, Edilma Santos, Sirleide Brito, Romário José; Escola Martim Afonso de Souza – Profs - Zilene Araújo, Miquele; Escola Lindolfo José de Araújo – Profs - Ana do Anjos e Ângela Souza; Escola Pedro Araújo – Profs Kátia Ferreira, Jucinalva Viana; Escola Costa e Silva – Prof Maria Alcina Silva; Escola Dom Marcos de Noronha – Profs Maria Teles, Auristela Oliveira, Leane Farias.; Diretoras – Jeane Araújo e Maria Zilma Araújo de Souza e Coordenadora Pedagógica – Eva Guimarães

Os piqueniques literários, cafés, lanches e chás literários, saraus e bate-papos são outras maravilhosas alternativas para fomentar o desejo e o prazer da leitura. Com essas atividades, a antiga "leitura em voz alta" torna-se um dos momentos mais esperados pelos alunos. Todo o processo gera interesse e participação: desde o momento inicial de planejamento até a realização e avaliação.

A leitura de literários e o intercâmbio entre leitores

A leitura e intercâmbio de textos literários proporciona o desenvolvimento de variados comportamentos leitores, como, por exemplo, a seleção e solicitação dos livros que se deseja ler, esclarecendo os motivos das escolhas; a partilha de leituras, autores e livros; a recomendação de títulos a outros leitores.

Podem-se planejar situações em que os alunos:

- explorem os livros para escolher o que será lido durante a semana;
- leiam e comentem suas impressões com seus colegas. Essa leitura pode ser individual ou em duplas;
- ouçam a leitura realizada pelo professor.

Quando é o professor que faz a leitura, é importante considerar alguns aspectos:

- informar dados das obras a serem lidas, ou seja, autor, título, editora, coleção;
- criar um clima propício para a leitura do texto em voz alta;
- organizar o espaço e as carteiras para a escuta do que vai ser lido;
- fazer a leitura do texto completo sem pular parágrafos ou substituir palavras mais difíceis. É importante que os alunos tenham contato com o texto, tal como ele é escrito.

O objetivo didático das situações em que o professor lê para os alunos os gêneros literários é formá-los como leitores de literatura, a fim de que desenvolvam, gradativamente, opiniões acerca das obras, dos autores e dos estilos. Nesses espaços de intercâmbio, o professor lê em voz alta e todos comentam o efeito que a obra produziu, fazendo perguntas e observações que lhes permitem voltar a ler fragmentos para salientar preferências, comentar passagens, etc.

Como exemplo dessa situação didática, apresentamos a seguir uma adaptação do plano elaborado pela educadora Giovana Zen (mestre e doutora em Educação e diretora pedagógica do ICEP- Instituto Chapada de Educação e Pesquisa) e publicado na revista Nova Escola. Trata-se de uma rica proposta de intercâmbio das impressões que o texto lido produz em cada leitor.

Elaboração de um plano de aula para leitura do livro

"Mania de Explicação"

Objetivos

- Promover interesse por informações sobre o autor e o ilustrador do livro a ser lido;
- antecipar o sentido global do texto a partir do título e da capa;
- monitorar a compreensão do texto (os alunos devem pedir que a professora releia trechos do texto que não entenderam ou dos quais gostaram muito);

- compreender como as relações entre o texto e a imagem se articulam para produzir sentido;
- compartilhar com a professora e com os outros colegas suas impressões e interpretações;
- confrontar com os colegas as diferentes interpretações de um mesmo verso, fundamentando com dados ou com indícios do texto;
- expressar sentimentos, ideias e opiniões a partir da leitura do texto.

Ano: 1º ao 5º ano

Tempo estimado: 1 aula

Material necessário: livro “*Mania de Explicação*” de Adriana Falcão, Editora Moderna.



Para refletir

As propostas pedagógicas apresentadas aqui são exemplos para inspirá-lo e motivá-lo em sua prática cotidiana. Você pode trabalhar com os livros que tem em sua própria escola, desde que possua ilustrações que provoquem a construção de sentidos. Esse livro pode ser lido para alunos de várias idades e anos, desde que não se exija uma interpretação “correta”. Trata-se de ler e abrir uma roda de conversa sobre as ideias provocadas pelo texto e ilustrações.

Desenvolvimento

1. Apaixonar-se e criar expectativas

Antes de mais nada, é importante ler “Mania de Explicação” com carinho e atenção, para descobrir que ele é um texto que apresenta a complexidade do ser humano de um jeito simples e sensível: curta o livro antes de passar para os alunos. Depois, você pode dizer aos seus alunos, no dia anterior à leitura, o quanto é primoroso o livro que você escolheu para compartilhar com o grupo. Saliente que o livro é sobre uma menina muito sabida e esperta, que inventava uma explicação para todas as coisas.

2. Preparar a leitura

Antecipe como vai realizar a leitura do livro em voz alta, para transmitir ao grupo os efeitos que o texto pode produzir. Em relação a esse livro, podemos salientar: sensibilidade para ler a explicação de “saudade”, tranquilidade para “felicidade”, espanto para “preocupação”, alegria para “sucesso”, dúvida para “indecisão”... Lembre-se de que quando o professor lê para os alunos estará emprestando a sua voz para um texto que mobiliza muitos sentimentos. Isso significa que ler “Mania de Explicação”, assim como outros livros desse tipo, não exige apenas técnica, mas, principalmente, a compreensão de determinadas sutilezas que podem determinar a construção de sentido pelos alunos.

É necessário preocupar-se com a entonação, o ritmo, os gestos, as expressões e as pausas necessárias durante a leitura. Esse texto está organizado em versos independentes um do outro, fazendo com que sua leitura possua um ritmo próprio, ou seja, é preciso ler cada verso, relacioná-lo à ilustração, dar uma pausa para os alunos produzirem o sentido do texto e, em seguida, ler o próximo verso.

3. Preparar o espaço

Assim como outros livros que você possa ter em sua escola, “Mania de Explicação” é um livro no qual o sentido se constrói na relação entre o texto e a imagem. Por esse motivo, é imprescindível que os alunos possam ver as imagens durante a leitura do texto. Sente-se em uma cadeira e peça para os alunos sentarem no chão diante de você. Leia o texto com a ilustração virada para as crianças.

4. Apresentar o livro para os alunos

Sugerimos começar pela capa e pelo título. Deixe que as crianças emitam impressões sobre o livro espontaneamente. Permita que elas observem as carinhas da menina que estão na capa. Esclareça, também, o seu critério para a escolha desse livro. Você pode perguntar se os alunos lembram-se do comentário sobre a história de uma menina muito sabida e esperta, que inventava uma explicação para todas as coisas. Relacione esse comentário ao título do livro. Falar um pouco sobre a autora e ilustradora também é importante.

A leitura em voz alta pede expectativa e emoção.

5. Realizar acordos para a leitura compartilhada

Antes de iniciar a leitura, combine com os alunos algo muito importante: que será realizada uma primeira leitura de todo o livro, sem interrupção. Dessa maneira, é possível construir um sentido global da obra literária, ainda que, no caso de “Mania de Explicação”, o texto se estruture em versos independentes. Você pode combinar, também, que após a primeira leitura os alunos poderão voltar às partes que lhe interessaram mais.

6. Promover o espaço de intercâmbio

Após a leitura, abra um espaço de intercâmbio com os alunos sobre o livro “Mania de Explicação”. A interação no grupo ajuda os alunos a avançar na compreensão do significado. Você pode iniciar os comentários ou convidar os alunos a fazê-lo.

Outra possibilidade é propor a releitura de versos, para considerar as diferentes interpretações, estabelecer relações entre o texto e a imagem ou para destacar a beleza de um verso ou de uma ilustração. A releitura com propósitos específicos comunica aos alunos os comportamentos do leitor, favorecendo a reflexão sobre o texto e o intercâmbio com outros leitores. Na releitura, o leitor pode destacar os versos que considerou mais divertidos, os que o fizeram lembrar de alguém ou, ainda, os que são tão interessantes que merecem ser memorizados.

A interpretação de uma obra, assim como a possibilidade de apreciação do seu valor estético, não é algo que precise, necessariamente, começar e terminar no mesmo dia. Você pode ler várias vezes “Mania de Explicação”. Em cada leitura, você e seus alunos descobrirão novos encantos.

Conclusão

A aprendizagem de comportamentos leitores deve ser uma busca constante: ela surge em diversas atividades e, portanto, as sugestões aqui apresentadas são apenas os primeiros passos de uma caminhada diária e inclusiva, que une professores, alunos, funcionários, pais e toda a comunidade, em um mesmo propósito.

Participar de uma comunidade de leitores, escolhendo leituras a realizar, comentando o que leu, indicando livros, compartilhando dúvidas, preferências e impressões, é essencial para a formação de novos leitores. Assim, o que apresentamos neste caderno são apenas algumas ideias que podem contribuir para ampliar e qualificar a prática de cada um de vocês, professor e professora de classes multisseriadas espalhadas por todo o País. Tudo o que escrevemos aqui a muitas mãos, a partir das experiências de diversos educadores, foi pensando nos nossos alunos.

Para finalizar, salientamos o que nos diz a educadora Marisa Lajolo: o texto literário é um excelente meio de contato com a pluralidade de significados que a língua assume em seu máximo grau de efeito estético. É beleza multiplicada, que você descobre e leva seus alunos a descobrir também.

Assim, mãos à obra!



Marcelo Issa

Bibliografia consultada

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível para download aqui -> <http://migre.me/md3F7>

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC-SEF, 1997. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

_____. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC-SEF, 1998. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

CHATIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. <http://migre.me/md3TT>

FALCAO, Adriana. Mania de explicação. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. No mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2004.

LERNER, Delia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002

_____. Lista de arquivos em PDF: pt.notices-pdf.com/delia-lerner-pdf.html

NEMIROVSKY, Myriam. O ensino da linguagem escrita. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PROVINCIA DE BUENOS AIRES, Dirección General de Cultura y Educación. La lectura en la alfabetización inicial: situaciones didácticas en el jardín y en la escuela, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. As palavras. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 6ª edição, p. 30-36.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Pesquisando na internet

FVC. Projeto Entorno em busca de novos leitores. 2008. Vídeo do Projeto Entorno: em busca de novos leitores. Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=S51fDsUeqsc> – Parte 2: <https://www.youtube.com/watch?v=OBM0Vhzt40k>

Projeto Entre na Roda: leitura na escola e na comunidade tem por objetivo formar profissionais para atuarem como mediadores de leitura. <http://www.plataformadoletramento.org.br/projeto/3/entre-na-roda.html>

Coleção Ensinar e Aprender no Mundo Digital. <http://www.cenpec.org.br/TIC-e-Educacao>

Programa Nacional Biblioteca da Escola. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574

Programas governamentais que oferecem livros a escolas públicas. <http://gestaoescolar.abril.com.br/politicas-publicas/programas-governamentais-oferecem-livros-escolas-581764.shtml>

Ensine a teoria sem deixar de lado as práticas de leitura. <http://revistaescola.abril.com.br/lingua->

Bibliografia consultada

[-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-6o-ao-9o-ano-ensine-teoria-deixar-lado-praticas-leitura-583892.shtml](#)

A leitura na adolescência <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/semear-futuro-423865.shtml>

O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/maravilhoso-mundo-contos-fadas-423384.shtml>

A leitura na pré-adolescência <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/passagem-so-ida-423785.shtml>

Como trabalhar as definições de literatura em sala de aula <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-trabalhar-definicoes-literatura-sala-aula-conceito-567817.shtml>

Explorar a diversidade, priorizando gêneros literários e opinativos <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/explorar-diversidade-priorizando-generos-literarios-opinativos-526651.shtml>

Ruth Rocha: "Leitura não pode ser só folia" <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/leitura-nao-pode-ser-so-fofia-423575.shtml>

Ivana Arruda Leite: "Sem temas proibidos" <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ivana-arruda-leite-temas-proibidos-580362.shtml>

Como organizar um sarau <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/video-como-organizar-sarau-581365.shtml>

A importância dos clássicos da literatura <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/importancia-classicos-431333.shtml>

Encontros na Biblioteca: Marisa Lajolo / Leitura na Escola <https://www.youtube.com/watch?v=5K-006-4KIkU>

Sequências didáticas de literatura para alunos do 6º ao 9º ano <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-escola-programa-leituras-6o-ano-549447.shtml>

Leitura de poema e análise semântica <http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/leitura-de-poema-e-analise-semantica>

Como identificar efeitos de ironia e humor em textos variados <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-identificar-efeitos-ironia-ou-humor-textos-493869.shtml>

Rodas de leitura, conversando sobre livros. <http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/rodas-de-leitura-conversando-sobre-livros>



Para ir além

Accesse a plataforma do Escolas Rurais Conectadas, participe de cursos gratuitos, conheça experiências e contate outros educadores:

www.fundacaotelefonica.org.br/escolasrurais



Telefônica

vivo

Esta coleção é uma das iniciativas do Programa Escolas Rurais Conectadas. Faça parte da rede de educadores do Programa. Você poderá compartilhar ideias, conhecer novas experiências, e encontrar oportunidades de formação gratuitas.

Acesse: www.fundacaotelefonica.org.br/escolasrurais

Fundação Telefônica

www.fundacaotelefonica.org.br/escolasrurais